

Um estudo sobre o livro didático e ensino moral e cívico em Sergipe nos primeiros anos do século xx

Daniela Sousa Santos¹

Resumo

A intenção desse artigo é apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa que tem como objetivo central analisar de que forma os livros de contos morais e cívicos da Série Corações de Crianças, recomendados para as escolas públicas sergipanas na década de 1920, concretizaram um modelo de instrução moral e cívica. Para construção desse trabalho, considerei apenas os quatro livros da Série que foram intitulados de “contos morais e cívicos”. Para isso foi necessário analisar de forma relacional as diferentes edições dos livros de contos morais e cívicos, descobrindo como estão organizados de forma gráfica e didática. As lições contidas na Série Corações de Crianças, de Rita de Macedo Barreto, eram importantes instrumentos que, através da leitura, concretizavam objetivos políticos e educacionais para formar um cidadão brasileiro e sergipano pelos princípios da moralidade e do civismo.

Palavras-chave: moral, civismo, lições

A study on the textbook and moral and civic education in Sergipe in early years of the twentieth century

Abstract

The intention of this paper is to present the first results of a research center that aims to think about how the books of moral tales and civic Series Hearts of Children, recommended for public schools Sergipe in the 1920, realized a model of instruction civics. For construction of this work considered only the four books in the series were titled “civic and moral tales.” For it was necessary to examine in relational different editions of the books of moral and civic tales, discovering how they are organized in a graphical and intuitive. The lessons contained in the Hearts of Children Series, Rita Barreto de Macedo, were important instruments that, through reading, political and educational goals materialized to form a Brazilian citizen and Sergipe principles of morality and civility.

Key-words: morals, civics, lessons

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Técnica administrativa da Secretaria Municipal de Educação de Aracaju, atuando na EMEI Antonio Valença Rollemberg.
E-mail: danyousa2009@gmail.com.

1. *Corações de crianças: um objeto de pesquisa em andamento*

Esse artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa que tem como objetivo central pensar de que forma os livros de contos morais e cívicos da **Série Corações de Crianças**, recomendados para as escolas públicas sergipanas na década de 1920, concretizaram um modelo de instrução moral e cívica. Para isso foi necessário analisar de forma relacional as diferentes edições dos livros de contos morais e cívicos, descobrindo como estão organizados de forma gráfica e didática, verificando quais temas os contos apresentam para se entender os motivos que levaram a ampla circulação da coleção no país.

A **Série Corações de Crianças** de Rita de Macedo Barreto é composta por seis livros, sendo uma Cartilha, um livro de lições preparatórias, mais o primeiro, segundo, terceiro e quarto livros de contos morais e cívicos. Essa Série foi adotada em Sergipe nos anos de 1920, tendo circulado amplamente em todo território nacional. Felizmente, tive acesso a todos os livros da Coleção, inclusive a edições distintas em alguns casos.

Atualmente, pelo menos oito exemplares estão disponíveis no Centro de Memória Editorial Brasileira que fica na Biblioteca Central da Universidade Federal Fluminense. Outros livros foram localizados em espaços diferentes, em acervos particulares e sebos. Por mais de ano de buscas nos arquivos públicos da cidade de Aracaju busquei informações a respeito do tema, com esperança de encontrar pistas sobre a localização dos livros, sem muito sucesso.

A primeira pista surgiu na internet, no blog de Etevaldo Amorim (blogdoetevaldo.blogspot.com.br) que publicou um texto do livro de leituras da sua mãe, Dona Cecília. Ela estudou com o Terceiro Livro na escola da professora Leonor Tavares de Mesquita, em 1937, na cidade de Nossa Senhora da Glória. A descoberta desse livro foi importante para que se chegasse aos demais, principalmente, por indicar a Livraria Francisco Alves como responsável pela edição. A partir disso, utilizando a internet, localizei quatro livros (duas edições dos primeiro e segundo livros) nas cidades de Suzano/SP, Olímpia/SP, Curitiba/PR, Poços de Caldas/MG. Descobri também o

acervo do Centro de Memória Editorial Brasileira, no Rio de Janeiro e, com ajuda da historiadora Débora Souza, tive acesso a uma transcrição do Quarto Livro.

Para construção desse trabalho, considerei apenas os quatro livros da Série que foram intitulados de “contos morais e cívicos”. Excluí a cartilha e o livro de lições preparatórias porque eles não trazem lições de moral e civismos, mas atividades de leitura para as crianças que estão em fase de alfabetização, ou seja, aprendendo a ler e escrever. Os seguintes livros e edições são analisados: Primeiro Livro, de 1925, 33ª edição; Primeiro Livro, de 1951, 113ª edição; Segundo Livro, de 1935, 67ª edição; Segundo Livro, de 1948, 90ª edição; Terceiro Livro, de 1937, 40ª edição; Quarto Livro, de 1917, 2ª edição.

A notar pelo número de edições, a Série traz uma singularidade histórica que merece atenção. A circulação no Brasil foi tão significativa que não se pode assegurar com exatidão quantas foram as edições de cada livro. Ao analisar os livros de leitura no século XX, Alexandra Pinheiro (2012) chegou a afirmar que o Primeiro Livro, por exemplo, foi publicado em 1913, sendo editado até meados da década de 1940. A 149ª edição do Segundo Livro, de acordo com autora, teria sido publicado em 1951.

Há indícios da circulação da Série em Sergipe no início da década de 1920 e até o final da década de 1930. Embora, a circulação não seja o foco deste trabalho de pesquisa, os indícios ajudam a delimitar o período da investigação e será considerado para efeito da análise que se pretende desenvolver sobre a Série, principalmente porque estudiosos já comprovaram que as reformas educacionais em Sergipe seguiam o modelo de escola primária implantada em São Paulo, no final do século XIX e que, no contexto das reformas educacionais, é que os livros didáticos ganharam importância.

As políticas educacionais em Sergipe na Primeira República visavam à implantação de uma organização escolar diferente da estabelecida em períodos anteriores. Chama atenção a implantação dos grupos escolares, pela introdução de novos procedimentos metodológicos. Segundo Azevedo (2010), era desconhecida a situação do ensino primário no Estado no momento da implantação

da República. Para reconhecer as suas verdadeiras condições e poder adotar as medidas necessárias, o então Presidente do Estado, Felisbello Freire, resolve comissionar, em 1890, o professor do Atheneu Sergipense, Cândido Campos, para percorrer todas as aulas primárias existentes em Sergipe. Finalmente, foi apresentando um relatório com resultados que denunciaram a situação precária da instrução pública.

Sergipe fez uma reforma da instrução pública no início do século XX. Por meio do Decreto no. 536, de 12 de agosto de 1911, o Presidente do Estado, José Rodrigues da Costa Dória, decreta a nova organização do ensino, ao mesmo tempo em que ordena que sejam observados os regulamentos baixados com a mencionada reforma. O Regulamento do ensino primário de 1911 inaugura a modalidade de ensino primário em grupos escolares; detalha os procedimentos de organização e funcionamento das instituições de ensino; discorre sobre exames e disciplina escolares; prescreve sobre as atividades dos docentes do ensino primário; dá tratamento à profissionalização docente ao ater-se a concursos, provimento dos cargos, direitos e deveres bem como vantagens e penas aos profissionais da instrução; e, ocupa-se ao final com a fiscalização do ensino dispondo sobre o trabalho dos delegados do ensino e dos inspetores escolares, da Diretoria da Instrução Pública, além das atividades de estatística escolar, do fundo escolar e do ensino particular. (Azevedo, 2010)

No início do século XX, a sociedade sergipana era representada pela elite dominante: grandes proprietários rurais, produtores de algodão, açúcar, criadores de gado, alguns industriais e comerciantes. Da classe média faziam parte funcionários públicos, pequenos e médios comerciantes, intelectuais e profissionais liberais como médicos, advogados, engenheiros. Os trabalhadores rurais, operários, domésticas, estivadores, pescadores, vendedores ambulantes, formava a classe pobre, a maioria da população. A elite sergipana oferecia grandes festas em seus palacetes e a classe pobre se divertia ao som das retretas e serenatas além, do banho de mar nas águas do rio Sergipe. Nos anos de 1920 a indústria sergipana des-

pontava, atraindo pessoas de toda parte do interior que vinham em busca de melhores condições de vida. Nesse período a classe operária começara a lutar por melhores condições de trabalho, fundando associações e exigindo investimentos em educação. (Correa, Anjos, Melo, 2005)

Baseada nos livros que compõem a **Série Corações de Crianças**, mas também em levantamentos de informações constantes nos Termos de Inspeção da Instrução Pública, encontrados no Arquivo Público do estado de Sergipe, assim como em periódicos do Instituto Histórico Sergipano, esse trabalho encontra-se no rol das pesquisas voltadas para a história do livro didático. Para Itamar Freitas (2009) o livro didático é um artefato impresso em papel formado por uma série de elementos (textos, imagens, exercícios) estruturados em formato linear e sequencial, é organizado e pensado, especificamente para ser utilizado em situações de ensino-aprendizagem, além de transmitir saberes circunscritos a uma determinada disciplina.

O objeto de estudo em questão ainda não mereceu a atenção nos estudos sobre História do livro didático em Sergipe. Aliás, sobre o estudo do livro didático, o professor Hermeson Menezes afirma que os estudos são escassos, quando apresenta o levantamento sobre a produção historiográfica sobre o livro didático de História no Estado.

É lugar comum nas pesquisas que fazem levantamentos sobre a produção acadêmica relativa ao ensino de História a constatação de uma lacuna no que concerne às análises voltadas à produção técnica do livro didático. Embora estudos sobre as imagens e o texto e suas relações como ensino de História venham ganhando terreno, ainda são privilegiados os temas referentes aos usos do livro didático, às metodologias de ensino e aos programas curriculares. (Menezes, 2011a)

Ao tratar da **Série Corações de Crianças**, o presente trabalho se baseia na perspectiva da História Cultural e apresenta novas fontes para essa área de estudos. As questões respondidas não esgotam as possibilidades de análise, mas revelam outros vieses de pesquisa. Além da introdução, o texto está dividido em três partes. Na primeira, faço uma análise da produção literária sobre os livros didáticos, destacando autores que se dedicaram a

esse estudo. Em seguida discorro sobre os aspectos materiais dos livros da **Série Corações de Crianças** e ao final, à sua representação didática.

2. A produção literária sobre os livros didáticos

No Brasil, há autores que se voltaram para o estudo do livro didático e, especificamente, para o livro didático de crianças. Para este trabalho, tornam-se importantes os autores que abordaram cartilhas e outros textos infantis, a exemplo de Carlota Boto, *Aprender a ler entre Cartilhas: civilidade, civilização e civismo* (2004), Maria do Rosário Mortatti, *Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular* (2000), Alexandra Pinheiro, *Livros de Leitura na primeira metade do século XX: de leitura e de leitores: Alessandra Santos Pinheiro, Práticas de leitura no interior brasileiro: a questão dos livros de leitura* (2009).

Segundo Maria Angélica Alves (2008), no final do século XIX, os livros didáticos brasileiros, editados em Portugal, eram compostos de traduções e adaptações de obras europeias. Essa condição passou a se modificar a partir do período republicano. Afirmo ainda, que a literatura para crianças e jovens era dependente da produção europeia portuguesa e não se adequava para os leitores brasileiros, conforme afirmara Monteiro Lobato a respeito dos primeiros anos do século XX, quando se multiplicavam as traduções lusitanas dos contos infantis europeus, obras pouco originais em relação a língua e aos temas abordados.

Alves (2008) ainda informa que, ao tratar de forma específica da nacionalização na literatura infantil, autores brasileiros criaram traduções nacionais que concorreram com as lusitanas. A autora destaca a *Biblioteca Infantil*, coordenada pela editora Melhoramentos, em 1915, liderada pelo educador Arnaldo de Oliveira Barreto e o projeto editorial, iniciado em 1894, guiado por Figueiredo Pimentel. Destaca também, a *Coleção Biblioteca Infantil Quaresma*, na busca pela nacionalização do acervo literário europeu destinado para crianças.

Ela confirma que a literatura infantil brasileira, no final dos anos do século XIX e início do XX, pôde se desenvolver devido à urbanização que favoreceu a formação de um mercado consumidor para o livro. Assim, começaram a circular publicações no país como jornais, almanaques, revistas femininas, romances, material escolar e livros para crianças e jovens. Desse modo, a indústria de editoras no Brasil se expandiu. No início do século XX, alguns autores e editores acreditavam que para atrair leitores infantis e ganhar o seu reconhecimento para livros e periódicos que fossem publicados era necessário alguns elementos. Então investiam na novidade e na curiosidade, no humor, na forma simples, no respeito ao pensamento e o espírito infantil, na beleza e no que fosse considerado moralmente correto.

Dos estudos que trataram sobre o tema, Amanda de Cácia Reis traz significativa contribuição com o trabalho *Corações de Crianças: História e memória de um livro didático*, apresentando neste estudo o 3º livro da coleção “Corações de Crianças”, adotado no início do funcionamento do Grupo Escolar Costa Alvarenga”, o primeiro da cidade de Oeiras-Piauí. Para isso, analisa a sua forma estética, conteúdo iconográfico e conteúdo textual. A autora conclui que o livro transmitia ideias preestabelecidas para inculcar nos alunos representações com o objetivo de moldar o novo homem que a sociedade republicana exigia. O artigo de Alexandra Pinheiro *Livros de leitura na primeira metade do século XX: concepções de leitura e de leitores*, no qual analisa dois livros de leitura - *Corações de Crianças* de Rita de Macedo Barreto, e a *Série Braga* de Erasmo Braga, investiga os prefácios e as concepções de leituras apresentadas para as referidas obras.

3. A materialidade dos livros da série corações de crianças

Pelos aspectos materiais observados na coleção de Rita de Macedo Barreto é possível perceber uma intenção de atrair os leitores. Somente pelo tamanho dos livros, pequenos, vê-se que eram destinados a leitores também pequenos – crianças. Os livros são bastante manuseáveis e atraem pela composição gráfica.

De fato, o livro didático passa por um processo de produção. Esse processo envolve diferentes etapas de projeção, pré-impressão, impressão e acabamento. As etapas são definidas pelo projeto editorial dos editores e autores. O projeto gráfico é baseado no planejamento sobre a distribuição dos elementos utilizados em um impresso para tornar o resultado belo e funcional. No projeto ficam definidas as características: "(...) formato, número de páginas, utilização de imagens, forma de diagramação, uso de cores, tipo de encadernação, acabamento etc. Nos impressos escolares, o projeto gráfico, além de suas funções estéticas, deve considerar os objetivos do processo de ensino e aprendizagem."(Menezes, 2011b).

Das mudanças inseridas por Gutenberg no século XV, pouca coisa no aspecto do objeto livro mudou: é formado de um miolo – as páginas internas –, envolvido por uma encadernação, geralmente em um material mais resistente. Em relação às divisões de partes, a mesma permanência com pequenas variantes: capa, contracapa, folha de rosto, versos da folha de rosto, índice ou sumário, dedicatória ou agradecimentos, prefácio ou apresentação, introdução ou prólogo, capítulos, conclusões, posfácio, referências ou bibliografia – e nos manuais didáticos – sessões de atividades ou exercícios."(Menezes, 2011c)

O autor reconhece a tradição do livro que impõe suas características gerais, especificamente nas etapas desde a escrita ao acabamento final, mas deixa claro que grandes mudanças ocorreram ao longo do tempo, a exemplo do uso de imagens, da disposição dos elementos na página, da escolha de formatos e tamanhos, do tipo de papel, do uso de cores, dos processos de impressão e acabamento. Portanto, esses aspectos precisam ser investigados nos estudos sobre livro didático.

Do ponto de vista material, as obras encontradas no decorrer desta pesquisa estão bem conservadas, embora tenham décadas de existência e aparentem muito uso. Isso pode ser atribuído à qualidade do material utilizado na fabricação dos livros da autora. O bom estado de conservação das obras permitiu a localização da Série completa que agora está à disposição da investigação. Para Oliveira e Souza (2000):

A forma de apresentação de um livro didático, isto é, a sua forma física, é um item importante a ser analisado. A atenção dispensada pelos autores a esse aspecto, na verdade, contribui para que se possa detectar para qual público está literatura está sendo produzida: quem se quer atrair, e de que maneira. É nesse formato que se deverão imprimir os aspectos do novo, do revolucionário e do melhor. Portanto existe uma intenção implícita, antecedendo a decisão editorial e o trabalho de oficina. (Oliveira e Souza, 2000)

No caso da **Série Corações de Crianças**, percebi a partir da comparação do número de edições que o Primeiro e Segundo livros circularam em quantidades proporcionais, tendo cada um três edições por ano. O Terceiro Livro teve duas publicações por ano e o Quarto somente uma publicação. As diferenças notadas induzem a pensar diversas possibilidades de respostas, mas outros aspectos precisam ser analisados ainda. Para o momento, é importante destacar o papel da editora que cuidou da publicação desses livros.

Alexandra Santos Pinheiro (2012) afirma que o Primeiro Livro foi editado em 1913 e reeditado até meados da década de 1940. Localizei a 33ª edição desse livro que data de 1925, revelando que em doze anos o número de edições da obra praticamente triplicou. Apesar de Pinheiro concluir que o Primeiro Livro foi editado até a década de 1940, posso dizer que a 113ª edição foi publicada em 1951 (BARRETO, 1951). Ainda, de acordo com autora, nesse ano estaria em circulação a 149ª do Segundo Livro, o que é provável visto que em 1948 esse livro chegou a 90ª edição (BARRETO, 1948). Nesse caso seriam vinte e nove edições diferentes em três anos. Da edição de 1935 para a de 1948 a diferença foi de vinte e três publicações. Assim como o primeiro, o segundo e o terceiro livros também foram lançados em 1913, ficando apenas o quarto livro de fora da coleção até o ano de 1915, quando foi publicado (BARRETO, 1917). Sabe-se que pelo menos quarenta edições do terceiro livro foram publicadas até 1937, e duas do quarto livro até 1917 (Barreto, 1937).

O livro mais antigo encontrado nesta pesquisa, editado pela Francisco Alves, possui 87 anos desde que foi publicado e está em bom estado de conservação. A capa se mantém intacta, embora desgastada. As folhas estão

amareladas e ainda resistentes, são costuradas e coladas, a cor das letras é preta e bastante visível. Apesar de ser mais novo, o Primeiro Livro de 1951 está mais desgastado; sua capa está solta e presa por uma fita adesiva colocada possivelmente pelos donos anteriores. As folhas são menos amareladas, porém mais estragadas nas bordas. A tinta preta é mais escura que na edição de 1925, o que torna as letras e imagens mais legíveis.

A edição de 1935 do Segundo Livro é a mais envelhecida dentre as encontradas e passou por ajustes para que a obra se mantivesse inteira. A capa está toda reformada com fita adesiva, título digitalizado e com emendas de papel diferenciado. A capa e as folhas apresentam manchas escuras de mofo, algumas presas por emendas. A qualidade da tinta empregada para impressão dos textos e imagens é boa, sem apresentar falhas. A edição de 1948 do Segundo Livro é ótima porque sequer sofreu modificações, do tipo emendas, mofo, rasgões, colagens. O papel das folhas é mais escuro e parece mais resistente.

Tive acesso à cópia do Terceiro Livro publicado em 1937. A cópia original desse livro faz parte do acervo pessoal do historiador alagoano Etevaldo Amorim que me cedeu a versão digitalizada. O livro foi comprado em 8 de fevereiro de 1937 e pertenceu a mãe dele, Dona Cecília. Ela estudou com esse livro na cidade de Nossa Senhora da Glória com a professora Leonor Tavares de Mesquita. A notar pela versão scaneada a obra está bem conservada com páginas bem costuradas, letras e imagens bem legíveis e capa íntegra. O único vestígio de modificação é uma tarja verde de tecido colada na lombada.

O Quarto Livro disponível a esse estudo é uma versão digitalizada com transcrições na íntegra dos textos e descrição das imagens, sem observações gerais sobre o aspecto da obra. Essa transcrição foi realizada pela historiadora carioca Débora Souza. Trata-se da 2ª edição de 1917, disponível no Centro de Memória Editorial Brasileira, localizado na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Destaca-se o tipo de material e formato das capas - capa dura em formato retrato. As dimensões variam de acordo com as edições, sendo os livros mais antigos menores que os de publicações recentes. As primeiras edições

tinham dimensões de 12,5 x 18,5cm e as mais recentes tinham dimensões de 13,5 x 18,5cm. Esse padrão não era seguido na questão da espessura, pois a quantidade de páginas aumentava conforme o volume da Série. O Primeiro Livro era composto por 100 páginas, o Segundo Livro por 124 páginas, o Terceiro Livro por 164 páginas e o Quarto Livro por 248 páginas. Havia diferenças no total de páginas entre as publicações de um mesmo título porque eram retirados os elementos pré-textuais, a exemplo de comentários sobre a autora e a obra.

Todas as capas da Série Corações de Crianças seguem o mesmo padrão de organização. O nome da autora é apresentado na parte superior em letras manuscritas. Abaixo do nome dela segue o título da Série em caixa alta com uma figura ilustrativa abaixo dele. No rodapé das capas constam o número do livro, o nome da livraria e, em alguns casos, o endereço. A capa é sempre em papel duro. Nas primeiras edições, as capas tinham fundo marrom. As últimas edições encontradas apresentam capas com fundos em cores mais claras, próximas ao amarelo e tonalidades mais coloridas nas ilustrações. A ilustração é a mesma em todos os livros, sofrendo apenas variações nos desenhos de uma edição para outra. As contracapas seguem também um modelo de formatação, tendo o nome da autora em letra manuscrita, o nome da Série com letras maiúsculas. No lugar das ilustrações, aparece a informação de que é um livro de contos morais e cívicos, adotado pela Diretoria Geral da Instrução. Consta também o número da edição, além das informações da editora.

O Primeiro Livro da Série, da edição 33ª, do ano de 1925, tem a capa dura marrom e traz o nome da autora em caixa baixa. Abaixo do nome "Rita de Macedo Barreto" consta o título da Coleção "Corações de Crianças", em caixa alta. Abaixo do título aparece um desenho. É um contorno vermelho em formato de coração, arrematado por um laço de fita. Dentro do coração figura uma menina que vai ao encontro de um idoso. Ele é um maltrapilho, barbudo e encurvado, vestindo calça e paletó marrons envelhecidos, assim como o chapéu que usa na cabeça. Está sentado em um banco à frente da residência da menina, segurando uma bengala, com uma trouxa ao lado. A casa é grande e tem jardim. A menina bem trajada em seu vestido azul, com laço de fita no cabelo, sapatos pre-

tos e meias brancas, carrega em uma das mãos um copo e na outra algo que parece um alimento. Em geral, a imagem passa a impressão de uma criança que se compadece da velhice e pobreza do homem. Essa imagem se repete na edição 67ª do Segundo Livro. Na edição 40ª, do Terceiro Livro, há uma nova versão da imagem. Permanecem as personagens e os elementos anteriores (a casa, o jardim, o copo), mas algumas diferenças são evidentes. O vestido da menina na nova versão é branco e a roupa do velho ganhou cores. Ele veste uma camisa azul escuro e a calça é verde com rasgões nos joelhos. A capa ainda traz o nome da livraria “Francisco Alves” e o seu endereço.

Nas edições 113ª e 90ª do Primeiro Livro e do Segundo Livro outras diferenças na imagem são notáveis. A menina agora aparece em um vestido vermelho com um laço no cabelo da mesma cor, segurando um prato com uma xícara com algo para beber dentro dela junto com um alimento. O idoso barbudo está vestido em uma camisa azul, usando um chapéu vermelho com uma faixa escura. As imagens do Primeiro Livro e Segundo trazem as mesmas personagens e o mesmo cenário, apresentando mudanças nos tons das cores, o vermelho ficou mais para o tom alaranjado. As personagens estão em frente a uma casa cercada de árvores e grama verde. Nessas edições, as cores de fundo das capas são amarela e laranja em um estilo que lembra um degradê em linhas paralelas.

As imagens são usadas também para ilustrar os contos. Parecem selecionadas de acordo com o tema abordado nas lições. Todas as lições possuem gravuras que geralmente representam as personagens dos textos. Neste artigo, as figuras não serão exploradas, algo que se poderá fazer em trabalhos posteriores. O número de imagens nos contos é bastante significativo. Há edições de livros que chegam a ter, pelo menos, 230 (duzentas e trinta) figuras, por exemplo.

Destaque-se, porém, que as imagens dos textos inicialmente não apresentavam nenhum padrão quanto ao tamanho e a forma sendo, dispostas antes das narrativas, no meio ou ao final destas, sem que lhes fosse atribuída a autoria. Buscavam atingir o imaginário da criança, chamando atenção pelo realismo e forte apelo à comoção. O Primeiro Livro, por exemplo, tem 55 (cinquenta e cinco) textos pequenos,

possuindo cada um, de uma a três imagens pequenas, em preto e branco. Muito significativas são as ilustrações que aparecem entre um texto e outro, imagens grandes coloridas. Essas imagens e as demais dos contos totalizam cento e onze figuras no total desse Primeiro Livro.

Nas primeiras edições o número significativo de imagens era comum. Nas mais recentes, os livros tinham figuras maiores que ilustravam os contos e, não havia outras imagens separando um conto do outro como nas edições antigas. Nas últimas edições passou-se a utilizar uma única imagem que, aparece antes do texto, em tamanho médio, em preto e branco, sendo a qualidade da tinta superior as dos desenhos mais antigos.

Cada livro da Série de Rita de Macedo aqui estudado apresenta uma média de cinquenta textos pequenos que ocupam até três laudas. Os títulos dos textos são escritos com todas as letras maiúsculas na parte central da página abaixo da imagem. As páginas são numeradas na parte inferior de forma centralizada. Somente as edições do Primeiro Livro de 1951 que é a 113ª e a 90ª, do Segundo Livro, apresentam exercícios logo após os textos.

4. Ler é conseguir pensamentos: aspectos didáticos da coleção de rita de macedo barreto

Cátia Regina Guidio de Oliveira e Rosa Fátima de Souza (2000) analisam a história do livro didático no Brasil como um objeto cultural. Elas entendem que a expansão do ensino primário nas escolas públicas de São Paulo, a partir do final do século XIX, gerou a produção de uma literatura escolar sem precedentes. As chamadas “séries graduadas de leituras” seguiriam um modelo de organização didático-pedagógico da escola primária implantada primeiramente em São Paulo. Essas séries ganharam destaque e as editoras passaram a investir profundamente nas suas publicações.

A descoberta de que publicar livros no Brasil era um bom negócio fez com que as coleções se multiplicassem, produzindo leitores, ditando os modos de ler e criando o seu público. A prática de trabalhar com novas estratégias editoriais e com coleções é pequena na década de 1920,

mas vai se intensificar e se difundir nos anos 1930. O crescimento do mercado pode ser aferido tanto em termos do número de títulos, autores e de tiragens, quanto relativamente ao número de editoras que nascem no período, principalmente no que diz respeito às coleções (Carvalho, Toledo, 2007a). Sobre o que vem a ser uma coleção, destaco o entendimento de Carvalho e Toledo:

Uma coleção de livros é sempre produto de uma estratégia editorial dotada de características que lhe são específicas. Tais características adquirem, no entanto, contornos variáveis, adequando-se a condições específicas impostas pelo mercado editorial e reajustando-se segundo objetivos historicamente variáveis, de natureza econômica, cultural e política. (Carvalho e Toledo, 2007b)

No caso das coleções para professores, o nome do editor/organizador deve atestar, para o seu público alvo, a legitimidade e a procedência dos critérios que presidiram a escolha dos títulos e dos autores que integram a Coleção. Por isso, a posição e prestígio do organizador/editor no campo educacional conferem a seu nome a autoridade necessária para legitimar a Coleção perante o seu público alvo. Pode-se entender que isso é válido também para análise das coleções infantis.

De acordo com Márcia de Paula Gregório Razzini (2004) a década de 1890 marcaria a ascensão da Livraria Francisco Alves, considerando principalmente o grande número de livros escolares lançados, já que essa era a especialidade da casa. A partir do ano de 1880, a Francisco Alves passou a focalizar e investir diretamente em livros para o ensino elementar. "Principal editora do país durante longo período, a Livraria Francisco Alves ficaria gravada na memória de muitas gerações de brasileiros também como sinônimo de livro didático." (Razzini, 2004).

A expansão dos negócios do livro teria ocorrido, segundo as autoras, em meio à efervescência cívico-patriótica que caracteriza o movimento político-educacional nos anos 1920. Nesse contexto, o mercado do livro se reorganizou e acompanhou os movimentos culturais da década. Associado a uma mudança de perfil da literatura educacional, o mercado de livros de destinação escolar é fortaleci-

do. O mercado cresceu por conta do próprio movimento de expansão da escolarização, aumento de matrículas e valorização da educação escolar. Os livros passaram a ser combinados com os discursos sobre a reforma da escola e da cultura como alavancas de modernização do Brasil.

A única editora responsável pelas edições das obras de Rita de Macedo foi a Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro. Fundada em 1854 pelo imigrante português Nicolau Antônio Alves no Rio de Janeiro, expandindo seus negócios para São Paulo e Belo Horizonte, se tornara uma livraria-editora no país com ênfase na publicação de livros didáticos (BRANGANÇA, 2004). Segundo o historiador, a editora não se restringiu apenas a produção de livros didáticos, possuindo um extenso catálogo de livros técnicos, jurídicos, e de obras de autores contemporâneos como Olavo Bilac, Raul Pompéia, e Euclides da Cunha além de estrangeiros como Edmond de Amicis e Carlos Malheiro Dias.

De acordo com o Decreto n. 25.019 de 14 de outubro de 1955, do Governo do Estado de São Paulo, mais de dois milhões de livros da Série Corações de Crianças foram reproduzidos no Brasil (São Paulo, 1955). Não há certezas quanto a esses números porque na primeira metade do século XX foram lançadas várias edições.

Rita de Macedo Barreto escreveu quatro livros de contos morais e cívicos entre os anos de 1913 e 1915. Esses livros completam a Série Corações de Crianças, juntamente com um livro de Leituras Preparatórias e uma Cartilha. Os livros didáticos da Série foram bastante lidos nas escolas de Sergipe e do Brasil, tendo em vista o recorde de edições e quantidade de exemplares vendidos. Os livros de contos morais e cívicos são os que interessam a este trabalho, dentre os que fazem parte da Coleção da autora.

Os textos são narrativas, poemas, fábulas e poesias que tratam da alma, do corpo e da mente, com lições sobre atitudes e comportamentos adequados, valores cívicos, trabalho religião. Esses temas são apresentados através de textos como Nossos Deveres, A Desobediência, Minha Terra, A Bandeira do Brasil, O Mestre, O Garoto e o Mestre Escola. Neles, a consciência, família, infância, velhice, vício, virtude, paz, respeito, obediência, lealdade, coragem estão retratados. Há temas bastante específicos sobre a

natureza, vida dos animais, classe de animais, noções de ciências, vegetais, fenômenos naturais, deveres do cidadão, noções de economia, símbolos da Pátria.

Rita de Macedo Barreto utilizou poesias didáticas de Antônio Peixoto, Olavo Bilac, Z. Rolin, Rene Barreto e Isabel Vieira de S. Paiva. Como esses autores, ela compartilhava certa crença em torno do que viria ser o conteúdo necessário ao desenvolvimento da criança brasileira. Afinal, os livros de leitura adotados pelas escolas brasileiras nas décadas finais e iniciais do século XIX e XX tinham a intenção de instruir os alunos transmitindo-lhes os conteúdos básicos principalmente na área de geografia, história e ciências ou traziam o seu conteúdo recheado de regras e modelos de comportamentos de aspectos morais e ideológicos. (Galvão e Batista, 2004).

A série de contos morais e cívicos *Corações de Crianças*, aqui estudada, defende uma visão de criança como um indivíduo possuidor de poucas ideias. Por isso é preciso argumentá-las todos os dias, com a intenção de preparar um bom cidadão e o despertar para o amor à Pátria. Essa era a finalidade pedagógica dos livros de Rita de Macedo Barreto, tão aprovada por educadores brasileiros. Arnaldo Barreto, cunhado da autora e inspetor da instrução pública no Estado de São Paulo, destacava em 1913:

Qual é de facto o objeto do ensino da leitura?
É conseguir pensamentos.
Só nos é lícito dizer que lemos, quando assimilamos os pensamentos da página que nos é dada a ler.
Ora, o thesouro das idéas de uma criança é comumente muito pobre.
E preciso, augmental-o todos os dias, primeiro pelo conhecimento das coisas, depois pelo dos factos, até que, pela experiência, ella possa dominar os pensamentos mais simples com a imprescindível nitidez de percepção mental.
(BARRETO, 1935, P. 9)

Rita de Macedo Barreto se apresentou e foi apresentada em seus livros como o modelo ideal de mestre. Era uma mulher digna de ensinar as crianças brasileiras as suas lições porque exemplo de mãe extremosa. Ela reuniu nos “livrinhos”, segundo informaram os seus pares, toda as ações vividas e observadas no exercício rotineira de sua família. O amor e a dedicação aos seus oito filhos teriam

lhe dado autoridade para escrever as suas historinhas, carregadas de simplicidade e sentimentos, capazes de influir favoravelmente na formação moral dos pequenos leitores.

Considerações finais

Os estudos sobre o livro didático em Sergipe ainda são escassos, principalmente se considerarmos aqueles voltados para o ensino de crianças. Esta investigação preenche parte desta lacuna, destacando a importância da Série de livros de contos morais e cívicos *Corações de Crianças* no âmbito da História do livro didático em Sergipe. Dessa forma, esse trabalho se torna importante pela originalidade e por sugerir novas fontes e possibilidades de estudo. A análise dos aspectos materiais da coleção de Rita de Macedo torna possível perceber a intenção de chamar atenção do seu público alvo, por meio da utilização de imagens realistas e de apelo sentimental nas lições, objetivando a formação moral do aluno que realiza a leitura. A Série *Corações de Crianças* foi bastante utilizada pelas escolas públicas de Sergipe e por outros estados do Brasil durante as primeiras décadas do século XX, difundindo dessa forma, um método de ensino que visava educar o cidadão em seu caráter moral e cívico.

As lições contidas na Série *Corações de Crianças*, de Rita de Macedo Barreto, eram importantes instrumentos para concretização de objetivos políticos e educacionais, utilizando conteúdos morais e cívicos apresentados de forma simples e criativa. A notar pelo significativo número de edições dos livros, a Série teve circulação no Brasil e em Sergipe, sendo lida por um número de pessoas que ainda não se pode calcular. A Coleção fez parte de um projeto maior de formação do cidadão brasileiro e sergipano pela leitura, visando aumentar o contingente de trabalhadores obedientes e, ao mesmo tempo, disseminando um modelo de professor ideal.

Dados os limites deste trabalho, não foi possível apresentar de forma detalhada todos os elementos dos livros disponíveis, assim como desenvolver uma análise mais aprofundada.

A pesquisa dá margem para futuros estudos, podendo ser explorados ainda, diferentes aspectos relacionados

à Série Corações de Crianças. Restam muitas perguntas para responder sobre o objeto, tais como os motivos que levaram a adoção da Coleção para as escolas públicas do Estado de Sergipe, a que se deveu o grande número de edições da Série como também, a importância de Rita de Macedo Barreto para a produção literária do país.

FONTES

BARRETO, Rita de Macedo. **Corações de Crianças 1º livro**.33 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1925.

BARRETO, Rita de Macedo. **Corações de Crianças 1º livro**.113 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1951.

BARRETO, Rita de Macedo. **Corações de Crianças 2º livro**.67 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1935.

BARRETO, Rita de Macedo. **Corações de Crianças 2º livro**.90 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1948.

BARRETO, Rita de Macedo. **Corações de Crianças 3º livro**.40 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1937.

BARRETO, Rita de Macedo. **Corações de Crianças 4º livro**.2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.

Referências

ALVES, Maria Angélica. **A infância, a leitura e o leitor, em Portugal e no Brasil (1880-1920)**. 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança - Infâncias Possíveis, Mundos Reais. Braga: Instituto de Estudos da Criança, 2 a 4 de Fevereiro 2008.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Rodrigues Dória, Carlos Silveira e a Reforma de implantação dos Grupos Escolares em Sergipe**. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.37, p. 134-150, mar.2010 - ISSN: 1676-2584*

BRAGANÇA, Aníbal Francisco Alves. (2000) **“A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”**. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, ABL, São Paulo: FAPESP.

_____. **“Uma introdução à história editorial brasileira”**. In: *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2002, v. XIV (2a. série).Separata

CORREA, Wanderley de Melo; ANJOS, Marcos Vinícius Melo dos; CORREA; Fernando de Melo. **Sergipe Nossa História: ensino fundamental**, Aracaju, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. TOLEDO, Maria Rita de A. **Biblioteca para professores e modelização das práticas de**

leitura: análise material das coleções Atualidades Pedagógicas e Biblioteca de Educação. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

FREITAS, Itamar. As atividades nos livros didáticos de história regional. In: **I semana de ensino de história**, 2009, Mossoró/RN. (CD ROM)

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos. **Projeto memória de leitura – Unicamp**. 2004. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2005. Acesso em 10/01/2012.

MENEZES, Hermeson Alves de. **Do ponto ao traço: projeto editorial a aprendizagem nos livros didáticos de História de Sergipe (1973-2007)**. 2011.64f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2011.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de. SOUZA, Rosa Fátima de. **“As faces do livro de leitura”**. Cad. CEDES vol. 20 n°. 52 Campinas, nov. 2000

PINHEIRO, Alessandra Santos. **Livros de leitura na primeira metade do século XX: concepções de leitura e de leitores**. Disponível em: http://www.unigran.br/revistas/interletras/ed_anteriores/n12... Acesso em 15/06/11

PINHEIRO, Alessandra Santos. **Práticas de leitura no interior brasileiro: a questão dos livros de leitura**. Disponível em <http://www.uff.br/lihed/segundoseminario/index.php/resumos/por-autor-prenome?lang=pt> Acesso em 10/05/2011

RAZZINI, M.D.P.G. **A Livraria Francisco Alves e a expansão da escola pública em São Paulo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

REIS, A.C.; FERRO, M. A. F. **Corações de Crianças: História e Memória de um livro didático**.UFPI. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT02-2537--Int.pdf> Acesso em 10/05/2011

VIDAL, Diana G. e HILSDORF, Maria Lúcia. **Tópicos em História da Educação**. São Paulo: EDUSP.

_____. **“Pedagogia da escola nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola** In: FREITAS, Marcos Cezar; Khulmann Junior, Moisés, Os intelectuais na História da Infância.1 ed.São Paulo: Cortez, 2002, p. 373-408.

_____. & TOLEDO, M. Rita de A. 2004. **“A coleção como estratégia de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho”**.in: Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: A Educação Escolar em perspectiva. Curitiba: Sociedade Brasileira de História da Educação. CD- ROM.